



FIQUE DE OLHO!

- Amanhã, a bela novela *Sonho meu* estreia no Viva
- Na terça, a diva Ivete Sangalo passa a comandar a temporada de *Música boa ao vivo*, no Multishow
- Quinta-feira, é dia de a Netflix disponibilizar a esperada segunda temporada de *Eu nunca...*
- No mesmo dia, a Amazon Prime traz a sequência de *El Cid*

Canal Brasil/Reprodução



Choque de realidade

O Canal Brasil vem lançando, quietinho, séries que mereciam muito mais barulho. Foi assim com as boas *Os últimos dias de Gilda* (2020) e *Hit parade* (2021) e, mais recentemente, com a excelente *Colônia*. Arrisco a dizer que a série dirigida por André Ristum é uma das melhores do semestre, levando-se em conta produções em todas as emissoras e plataformas de streaming. Os seis episódios de *Colônia* estão no streaming do Canal Brasil e no pacote estendido do Globoplay.

Logo no início, a série faz questão de deixar claro que as histórias não são reais, embora pudessem ser. A série se passa no hospital psiquiátrico Colônia, no interior mineiro, na década de 1970. O local, na verdade, é um “depósito” de gente que a sociedade quer esconder.

Elisa (a excelente Fernanda Marques) foi levada para lá pelo pai por engravidar solteira, e logo encontra outros pacientes que, assim como ela, recebem diagnósticos falsos de doenças psiquiátricas. São os casos do alcoólatra Raimundo (Bukassa Kabengele), da prostituta Valeska (Andréia Horta), do homossexual Gilberto (Arlindo Lopes) e de dona Wanda (Rejane Faria).

A única coisa que eles têm é uns aos outros.

Laços quase familiares são formados entre eles, que se ajudam como podem e contribuem para que a sanidade de cada um deles seja mantida. Além do preconceito que os levaram até o Colônia, os pacientes enfrentam a truculência de médicos inescrupulosos e a violência de “tratamentos” como choques elétricos e sessões de tortura. Elisa se assusta a cada amigo de quem escuta os gritos. Eles ecoam na cabeça dela e no nosso coração — são doídos porque sabemos que essas “casas de recuperação” não são obras de ficção, infelizmente. Assim como não está no passado o preconceito da sociedade.

Colônia segue a estética que permeia a obra de André Ristum, diretor, entre outras obras também muito boas, dos filmes *Meu país* (2011) e *Nina* (2004). A fotografia de *Colônia*, com as cenas em preto e branco, reforça a dramaticidade das cenas. André tira o melhor de cada ator. Além de Fernanda Marques, Rejane Faria e Bukassa Kabengele têm excelentes momentos. Aury Porto, como Dr. Carlos, também está muito bem. É dele, inclusive, uma das reflexões mais duras de *Colônia*: “Achei que tivesse me formado em medicina para salvar vidas”.



Liga

As chamadas das novelas e séries que chegam ao catálogo do Globoplay chamam a atenção pela criatividade. Recentemente, a de *Roque Santeiro* foi à altura da novela e não poupou ninguém: de Bolsonaro a Regina Duarte.



Desliga

A HBO Max chegou com tudo. O catálogo é ótimo e extenso. Mas o que adianta se o app continua com as mesmas falhas do anterior HBO Go? É legenda que não entra ou entra na hora errada, séries que travam no meio da exibição e uma das piores navegações do mercado. Se é para piorar, melhor não mudar...